

ASPECTOS PEDAGÓGICOS DO ENSINO RELIGIOSO

aspecto/s

1 p.us. fm. ato de ser visto **2** p.met. aparência exterior <as frutas estão com bom a.> **3** maneira pela qual algo ou alguém se apresenta à vista; ar, aparência <tinha a. de cansado> <o hotel tinha a. de sujo> **4** cada uma das faces através das quais algo pode ser visto; ângulo, lado <este é apenas um dos a. do problema>.

Dicionário Houaiss

pedagógico

1 relativo a ou próprio da pedagogia <postura p.> **2** de acordo com a pedagogia <nesse ponto, o professor não foi p.> ◉ etim gr. *paidagógikós, é, ón* 'pedagógico'; ver 'ped(o)- e -agógico; f.hist. 1836 *pedagógico*, 1858 *pedagógico*

Dicionário Houaiss

pedagogia

1 ciência que trata da educação dos jovens, que estuda os problemas relacionados com o seu desenvolvimento como um todo **2** p.ext. conjunto de métodos que asseguram a adaptação recíproca do conteúdo informativo aos indivíduos que se deseja formar **3** tratamento de crianças ou adolescentes com dificuldades escolares **4** ciência que trata da educação e da instrução das crianças e adolescentes inadaptados **5** método pedagógico utilizado esp. na reeducação, educação especializada e na educação de adultos **6** profissão ou exercício do ensino <dedica-se à p. há 20 anos> **7** qualidade de bom pedagogo <meistre de pouca p.> ◉ etim gr. *paidagogía, as* 'direção ou educação de crianças; p. ext. 'cuidados com uma planta ou um doente', cp. lat. *paedagoga (lex)* 'lei que serve de guia'; ver 'ped(o)- e -agogia

Dicionário Houaiss

educação

1 ato ou processo de educar(-se) **1.1** qualquer estágio desse processo **2** aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino **3** o conjunto desses métodos; pedagogia, instrução, ensino **4** conhecimento e desenvolvimento resultantes desse processo; preparo **5** desenvolvimento metódico de uma faculdade, de um sentido, de um órgão <e. da memória> <e. do paladar> <e. do intestino> **6** conhecimento e observação dos costumes da vida social; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia **7** adestramento de animais **8** aclimação de plantas = e. a distância ped m.q. **teleeducação** — e. ambiental processo educativo que consiste no desenvolvimento de atividades e idéias voltadas para o conhecimento do ambiente e a utilização, de maneira racional, dos recursos naturais — e. especial ped a que é dirigida a portadores de algum tipo de deficiência, a superdotados — e. infantil ped subdivisão do ensino básico que se ocupa de crianças de 0 a 6 anos = etim lat. *educatio, ónis* 'ação de criar, de nutrir; cultura, cultivo'; ver *educ-* = sin/var ver sinonímia de *delicadeza* e *sapiência* = ant. deseducação; ver tb. antonímia de *delicadeza* e *prática* e sinonímia de *ignorância* ◊ noção de 'educação de crianças', usar *pospos.* -pédia

Dicionário Houaiss


aspecto/s pedagógico/s

maneira pela qual será tratado na educação o ENSINO RELIGIOSO, processo de formação da criança e do adolescente, considerando o ensino e aprendizagem.



foco pedagógico

LDB/ 96 Princípios
 Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
 II — liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
 III — pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
 IV — respeito à liberdade e apreço à tolerância;



O SER HUMANO ser de relações:
 que COMUNICA CONSTROE - RECONSTROE E CONVIVE

A escola que contribui:
 para APRENDER FAZER VIVER CONVIVER

Ensino Religioso

Art. 33 O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Educação Básica, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.
 § 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.
 §2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

1997
 Lei n. 9.475 (22 de julho de 1997)

conhecimento tradições religiosas



Cícero
 RELIGIO – o re-ler
 (compreender o religioso na comunidade)

DIVERSIDADE CULTURAL



História e Cultura Afro-Brasileira

1988 Constituição Brasileira

Liberdade de consciência

Art. 05

VI - é **inviolável a liberdade de consciência e de crença**, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - **ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica** ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Educação

Art. 22. Compete privativamente à União legislar sobre:
XXIV - diretrizes e bases da **EDUCAÇÃO** nacional;

Art. 205.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, **visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.**

Educação

Art. 210. Serão **fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental**, de maneira a **assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.**

§ 1.º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá **disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.**

§ 2.º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Art. 19. As instituições de ensino dos diferentes níveis classificam-se nas seguintes categorias administrativas:

I - públicas, assim entendidas as criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo Poder Público;

II - privadas, assim entendidas as mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado.

TIPOLOGIA DE ESCOLA


Diretrizes e Base da Educação 1996

(20 de dezembro)

Princípios

Art. 02

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos **princípios de liberdade** e nos **ideais de solidariedade humana**, tem por **finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.**



Educação básica

Art. 22

A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores

Educação Infantil
Ensino Fundamental
Ensino Médio


COPYRIGHT 1999 APCA BOMBRAS



Ensino fundamental

1a. a 4a. Série (1 e 2 ciclos) - Município
5a. a 8a. Série (3 e 4 ciclos) - Estado

COPYRIGHT 1999 APCA BOMBRAS



Art. 32. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I — o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II — a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III — o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV — o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.


ENSINO FUNDAMENTAL

COPYRIGHT 1999 APCA BOMBRAS




ENSINO RELIGIOSO

É uma área de conhecimento
Faz parte da base comum nacional



É proposto ao aluno nas aulas de Ensino Religioso, a oportunidade de identificação, de entendimento, de conhecimento, de aprendizagem em relação as diferentes manifestações religiosas presentes na sociedade, de tal forma que tenham a amplitude da própria cultura na qual estão inseridos favorecendo o respeito à diversidade cultural religiosa em relações éticas diante da sociedade, fomentando medidas de repúdio a toda e qualquer forma de preconceitos e discriminações e o reconhecimento que todos são portadores de singularidade irredutível requerendo da formação escolar tal atitude.




“Onde está a vida que nós perdemos vivendo,
onde está a sabedoria,
o saber com a idéia de valor,
o saber que tem valor,
onde está o conhecimento que nós perdemos na informação”

Poema de Élite – 1921



→
“(...) não pode prescindir da sua vocação de realidade institucional aberta ao universo da cultura, ao integral acontecimento de pensamento e da ação do homem: a experiência religiosa faz parte desse acontecimento, com os fatos e sinais que a expressam. O fato religioso, como todos os fatos humanos, pertencem ao universo da cultura e, portanto, tem uma relevância cultural, tem uma relevância em sede cognitiva”.

Domenico Costella



objeto objetivo

O objeto do Ensino Religioso é o **estudo das diferentes manifestações do sagrado no coletivo**. Portanto o objetivo é **analisar e compreender** o sagrado como o cerne da experiência religiosa do cotidiano que nos contextualiza no universo cultural. Assim sendo, **no espaço escolar justifica-se este estudo por fazer parte do processo civilizador da humanidade**.

Pressupostos

+ a **superação, pelo conhecimento do, preconceito à ausência ou a presença de qualquer crença religiosa**, toda forma de proselitismo, bem como a discriminação de toda e qualquer expressão do sagrado;

+ o entendimento que **a escola é um bem público** e laico, direito de acesso adquirido por todo cidadão brasileiro;

+ não se admite o uso do espaço/tempo escolar para legitimar a uma manifestação do sagrado em detrimento de outra, **não é um espaço de doutrinação**, evangelização, de expressão de ritos, símbolos e campanhas;

Pressupostos

+ as diversas manifestações do sagrado como sendo componente do **patrimônio cultural** e as relações que estabelecem;

+ **o uso da linguagem pedagógica e não religiosa referente a cada expressão do sagrado**, adequada ao universo escolar, na compreensão deste espaço como sendo de reflexão e sistematização de diferentes saberes;

+ o respeito e a consciência, por parte do docente, **do direito à liberdade de consciência e da opção religiosa do educando**, transpondo qualquer ato prosélito, relevando os aspectos científicos do universo cultural do sagrado e a diversidade social posta diante de todos

+ necessidade da **construção, reflexão e socialização do conhecimento religioso**, que proporcione ao indivíduo sua base de formação integral, de respeito e de convívio com o diferente;

Diretrizes

Ao se organizar os conteúdos do Ensino Religioso e encaminhar metodologicamente esse processo, convém ressaltar a necessidade de promover "simultaneamente a mediação entre a sociedade e a escola, a cultura e as aprendizagens socialmente significativas e a teoria e a prática, sendo nesta dimensão a expressão de um projeto cultural que a escola concretiza sob determinadas condições (...)" (OLIVEIRA)

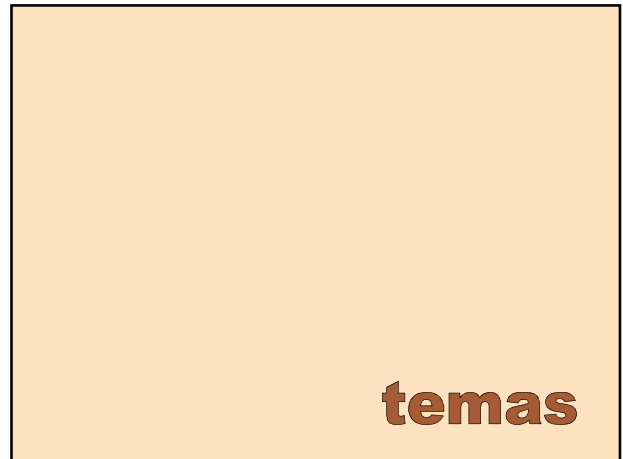
Diretrizes

O Ensino Religioso como componente curricular busca a compreensão cultural de elaboração dos conteúdos e a relação na manifestação do sagrado, sua profunda diversidade, assim é pertinente considerar no planejamento da disciplina, no tratamento dos conteúdos os seguintes elementos:

- + as diferentes manifestações do sagrado em suas práticas coletivas
- + o conhecimento das bases teóricas que compõem o universo das diferentes culturas nas quais se firmam o sagrado e suas expressões coletivas
- + o tratamento do sagrado como construção histórico-social, agregando-se ao patrimônio cultural da humanidade, por consequência a vivência do educando.
- + a seleção de fontes que retratem com fidedignidade o sagrado

Diretrizes

- + uma metodologia que esteja pautada no entendimento da complexidade social, a leitura das múltiplas linguagens e a possibilidade de ampliar o universo multicultural do conhecimento e da ciência.
- + a organização social das atividades, bem como a organização do tempo e espaço que favoreça o diálogo, a reflexão e a interação entre professor, aluno e conteúdo.
- + planejamento coerente e das aulas em consonância aos anseios dos educandos para a promoção do conhecimento significativo, levando-se em conta seus saberes já elaborados.



→ **Leitura nutriocional**
Leitura econômica
Leitura histórica

alimento

→ **Leitura cultural**
Leitura religiosa

→ **Leitura nutriocional**
Leitura econômica
Leitura histórica

alimento

→ **Leitura cultural**
Leitura religiosa

ERVA MATE
Ilex paraguariensis

- Lenda da Erva Mate – Origem do Tererê -

No primeiro planalto moravam praticamente tre tribos: O Guarani, Tingui e Carijós. Os índios mudavam de lugar indo em busca de alimento e água. Então a cada mudança as mulheres pegavam as crianças e os pertences, colocavam nas costas e partiam. Os homens levavam somente as armas. Em uma destas mudanças, um dos índios mais velhos comunicou ao Chefe que não acompanharia a tribo, que se sentia cansado e doente e por isso ficaria ali. O Chefe índio apesar de gostar e respeitar muito o ancião aceitou a idéia para não colocar a segurança da tribo em risco. Quando chegou a noite, o velho índio deitou, dormiu e durante o sono teve um sonho de que a deusa Yanderu, uma deusa feminina e alada, levava-o ata uma árvore, colhia folhas desta e mandava-o amassar com um pouco de água e tomar este suco, que isto renovaria sua força. Quando o índio acordou pela manhã, entrou na mata para fazer xixi e se deparou com a árvore que a deusa tinha mostrado para ele no sonho. Ele pegou as folhas e fez exatamente o que a deusa tinha mandado e tomou. Quando ele alcançou o grupo a tribo ficou com a vitalidade com a qual o ancião estava, então, o velho índio contou a historia, mostrou a árvore. Este índio tinha um nome interessante, seu nome era TERERÊ.



Em meados do século XVII, após a "descoberta" do Brasil, religiosos chegaram à colônia de Portugal para catequizar seus habitantes nativos, os índios, que comiam e bebiam o que encontravam nas matas. Ao evangelizá-los, perceberam que ingeriam uma solução de folha triturada com um pouco d'água, e acreditavam que aquilo era coisa do "diabo". Mais tarde puderam perceber que várias tribos utilizavam-se desse costume. Apreciavam a bebida advinda da erva-mate.



A **erva-mate** era elemento básico da alimentação dos guaranis, cuja tribo se espalhava pelo vasto território banhado, sobretudo pelos Rios Paraná, Uruguai e Paraguai. Outras tribos, em cujas terras a planta não medrava, realizavam ativo comércio de troca com a bebida. O transporte era feito por milhares de quilômetros, através de difíceis caminhos, que atravessavam muitas vezes os Andes para chegar à Bolívia, ao Peru e ao Chile.

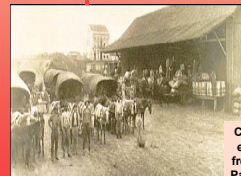
O ciclo da erva-mate foi o responsável por um dos mais longos e produtivos ciclos econômicos da história paranaense. Empregavam-se trabalhadores livres e escravos; e gradativamente formava-se a burguesia do mate. Paralelamente à indústria ervateira, desenvolveram-se fábricas de barricas, para acondicionar o produto e suas sociedades de classe, como a Sociedade Beneficente dos Barriqueiros do Ahú, na cidade de Curitiba. **Atualmente o Ahú é um dos bairros da Capital Ecológica que teve seu começo no ciclo do chá.**



Em 1880, Ponta Grossa tinha seu próprio engenho de erva-mate. Este ciclo fortaleceu o urbanismo e a modernização das cidades dos Campos Gerais.



A estrada de ferro Paraná foi ampliada para Ponta Grossa em 1894



Carroções com erva-mate, em frente à estação Paraná, em 1906

Até o início da 1ª Guerra Mundial 1914, o mate era considerado o esteio econômico do Paraná, quando então a madeira começou a conquistar a condição de principal produto. Nesta época, havia no Paraná mais de 90 engenhos para beneficiamento da erva-mate, sendo o produto exportado, sobretudo para o mercado platino. Nessa época, o Brasil levou um grande susto, podendo perder o território sulino para a Inglaterra, devido ao grande sucesso o chá no exterior.


1914
2004 **1935**

No início da II grande Guerra Mundial, a erva-mate teve seu declínio, sendo substituída gradativamente por outros ciclos, mas que não chegaram a ter, entretanto, a ressonância e o esplendor da erva-mate. Hoje em dia, a erva mate é encontrada em abundância nos estados do Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), onde a vegetação original é a Mata Atlântica. No Paraná, a erva-mate é encontrada na Mata de Araucária, ou Mata dos Pinhais, que descende da Mata original nativa do nosso país.



A erva-mate é ainda uma dos principais produtos do extrativismo vegetal da região Sul do Brasil, ajudando na economia dos estados compostos nela, tomando-nos uns dos maiores mercados consumidores do país. No comércio externo, somos superados apenas pela Região Sudeste, tanto na importação quanto na exportação.

As folhas e talos da erva mate, após minucioso preparo, são preparados em infusão para obtenção do mate, bebida que contém cafeína e tanino, mas é menos adstringente que o chá, de chimarrão, consumido em cuias e com bombinhas especialmente fabricadas para esse fim.



No Brasil, os bosques de erva mate situam-se nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, com extensão a terras do Mato Grosso do Sul. Típica de regiões situadas entre 450 e 800 metros de altitude, a planta cresce com frequência à sombra da Imbuia e do Pinheiro-do-Paraná, mas prospera bem quando cultivada em campos abertos.

1o Ciclo

DESCOBRINDO A SUA IDENTIDADE !



1a. e 2a. séries
Alteridade/ Símbolos/
Imagem do Transcendente

- Bebida
- Os benefícios do mate
- Os indígenas e sua história
- O mito que justifica a presença do mate na sociedade indígena
- A presença indígena na região
- A relação com a natureza

2o Ciclo

AMPLIANDO OS ESPAÇOS DE RELAÇÃO



3a. e 4a. séries
Rituais/ Divindades/
Textos orais e escritos

- Ciclo do chá na economia paranaense
- A presença indígena na região
- Os rituais indígenas
- A experiência religiosa dos indígenas e a dos cristãos colonos
- A força dos mitos



ocupação

Leitura nutricional
Leitura econômica
Leitura histórica

Leitura cultural
Leitura religiosa

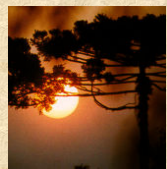


MUNICÍPIO DE CURITIBA

Era uma região de floresta exuberante onde reinavam as araucárias. Os nativos tupi-guarani, que a habitavam região, referiam-se a ela como *Curit Tiba*, que pode ser traduzido como pinheiral.

O Planalto Curitibano era habitado por povos ceramistas de tradição Itararé. Casas subterrâneas, encontradas em sítios arqueológicos nos arredores de Curitiba, mostram a adaptação dos nativos às condições adversas do clima, como os ventos frios.

Por época da chegada dos portugueses ao Brasil, o Planalto Curitibano era ocupado por grupos das famílias lingüísticas Jê e Tupi-Guarani.



As primeiras décadas do século 16 marcaram o início de uma guerra de conquista dos europeus contra os povos indígenas que habitavam os planaltos do Sul e Sudeste do Brasil. Eram expedições portuguesas e espanholas em busca de metais e pedras preciosas e índios para escravizar.

Existem relatos de que os campos de Curitiba foram descobertos pela expedição de Pero Lobo, em 1531. Essa expedição bandeirante partiu de Cananéia em busca de ouro e prata na região dos Incas, seguindo uma trilha indígena que passava pelos arredores da atual cidade de Ponta Grossa. A expedição acabou sendo dizimada pelos índios guaranis, nas proximidades de Foz do Iguaçu, durante a travessia do rio Paraná.

1531 – busca de ouro

Em meados do século 16, surgiram as primeiras informações da existência de minas de ouro nos campos de Curitiba, atraindo os primeiros garimpeiros para a região.

Em 1649, Ébano Pereira, capitão das canoas de guerra da Costa do Sul, comandou uma expedição exploratória para subir os rios e atingir o planalto em busca de ouro. Para isso, recrutou pessoal na Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá. Estabeleceram-se, inicialmente, na margem esquerda do rio Atuba, entre os atuais bairros de Vila Pênetra e Bairro Alto. Posteriormente, mudaram-se para um local às margens do rio Ivo, atual centro de Curitiba.

1649 – informações sobre o ouro

Em 1668, foi autorizada a instalação do pelourinho no povoado, visando sua elevação à condição de vila. O pelourinho era um poste de madeira com argolas de ferro, erguido em praça pública, onde os condenados pela justiça eram amarrados e chicoteados. Contudo, as autoridades públicas não foram eleitas para a instalação da justiça. Isso era necessário, pelas leis da época, para que o povoado passasse à condição de vila.

A primeira eleição de autoridades públicas somente aconteceu em 29 de março de 1693, promovidas pelo capitão-povoador Matheus Leme. O povoado passou, então, à categoria de vila, Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. A vila passou a se chamar Vila de Curitiba em 1701, já com 1.400 habitantes. Desde 1906, a data de 29 de Março de 1693 é adotada oficialmente como a data de fundação de Curitiba.

1668 – instalação do pelourinho: VILA

1693 – primeira eleição: VILA DE NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS

1701 – VILA DE CURITIBA



No início do século 18, caravanas de tropeiros abriram o caminho para o transporte de gado desde o Rio Grande do Sul, até a baixada paulista e os campos de Minas Gerais. Nesse trajeto passava-se por Curitiba, impulsionando o comércio da região. Curitiba ultrapassou Paranaguá em importância, assumindo a sede da Comarca, em 1812.

Em 1842 a vila passou à categoria de cidade. O Paraná era, então, uma comarca de São Paulo. Sua emancipação para província do Paraná, se deu em 19 de dezembro de 1853, Curitiba tornou-se, então, a capital da província em 26 de julho de 1854, com 5.819 habitantes.

A partir do século 19, Curitiba passou a receber uma grande quantidade de imigrantes europeus e asiáticos, transformando a cidade em muitos aspectos.

1812 – Curitiba: se de Comarca

1842 – CIDADE DE CURITIBA

1854 – CAPITAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ

1o Ciclo

DESCOBRINDO A SUA IDENTIDADE !



1a. e 2a. séries
História local e do cotidiano

- Primeiros habitantes
- Modo como as pessoas viviam e como nos vivemos
- histórias de pessoas mais velhas sobre esta cidade, os bairros...

2o Ciclo

AMPLIANDO OS ESPAÇOS DE RELAÇÃO

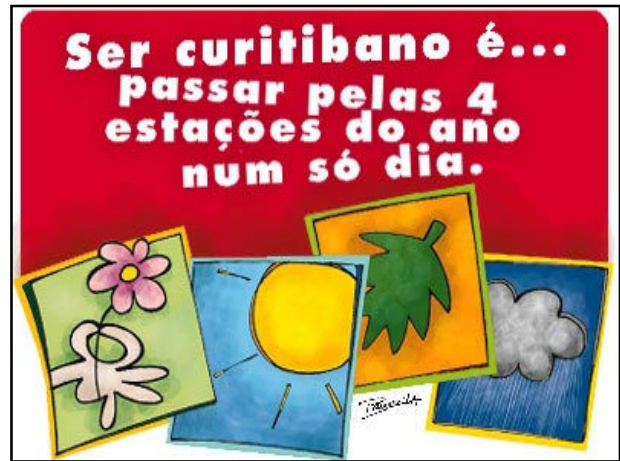


3a. e 4a. séries
Histórias das organizações populacionais

- Como a sua família veio para este município
- Histórias de família
- Organização social no município

Ser curitibano é... ter medo de aranha marrom.





Formação da população do Paraná

**Português
Alemão
Ucrâniano**

**Italiano
Japonês
Polonês**

Inaugurado em 1996, o Bosque Alemão homenageia a cultura e as tradições que os imigrantes alemães trouxeram para Curitiba. É um memorial a esses imigrantes que chegaram na cidade a partir de 1833 e muito contribuíram para o estilo de vida dos curitibanos.

Ocupa 38 mil m² de área no bairro Jardim Schaffer. A maior parte dessa área é de mata nativa densa e fazia parte da antiga chácara da família Schaffer.

O Bosque é rico em atrações. O Oratório Bach, uma sala para concertos musicais. A Torre dos Filósofos, com um mirante. A trilha João e Maria. A Casa Encantada, com uma biblioteca infantil. A Praça da Cultura Germânica. Além do bosque de mata nativa e nascentes de água doce.

Bosque do Alemão

O Bosque de Portugal é um memorial da língua portuguesa, inaugurado em 1994. Uma área verde de 21 mil m², decorada com elementos da cultura portuguesa.

O Bosque inclui uma alameda, com piso de pedras, que atravessa um trecho de mata nativa e onde versos de poetas da língua portuguesa são estampados em azulejos portugueses. São versos de Luís de Camões, Gregório de Matos, Camilo Pessanha e de outros poetas ilustres dos séculos 16 ao 20. Podem ser lidos nos azulejos de 22 pilares, ao longo dessa alameda.

Bosque de Portugal

O Bosque Italiano, ou bosque São Cristóvão, é um local de referência da cultura italiana, em Curitiba. Localizado em Santa Felicidade, um bairro tradicional de imigrantes italianos.

O Bosque, que pertence à Paróquia de Santa Felicidade, conta com excelente estrutura de lazer. Suas instalações incluem churrasqueiras, palco coberto, polenteira, quiosques e um pavilhão que serve de restaurante.

Festas típicas, de origem italiana, são realizadas anualmente nas instalações do Bosque, como a Festa da Uva, Festa do Vinho e o 4 Giorni in Itàlia.

Bosque Italiano

Inaugurado em 1980, logo após a visita do papa João Paulo II, a Curitiba. O Bosque do Papa, como é mais conhecido, envolve uma área de 48 mil m², onde existia uma antiga fábrica de velas. É cortado pelo rio Belém e inclui uma reserva de mata atlântica, com mais de 300 araucárias. Um ambiente agradável acolhe os visitantes do Bosque. O Memorial da Imigração Polonesa, em Curitiba, está instalado nas clareiras do Bosque. Reconstitui-se o ambiente em que viveram os pioneiros imigrantes poloneses, que chegaram em Curitiba por volta de 1871. É um museu ao ar livre que traduz a luta, as crenças, as tradições e estilo de vida daqueles imigrantes. Sete casas construídas pelos poloneses, com troncos de pinheiro encaixados, foram transportadas do entorno de Curitiba para o Bosque. Calçadas de pedra, equipamentos e utensílios usados pelos poloneses, como uma carroça e uma pipa de azedar repolho, são expostos para visitação. Realiza-se anualmente, no Bosque do Papa, eventos culturais de tradição polonesa, como a *Świeconka* (Benção dos Alimentos), no Sábado de Aleluia e a festa de Nossa Senhora da Czeszochowa, em agosto. A Casa dos Troncos, uma construção de imigrantes poloneses de 1883, doada e relocada para o Bosque, foi transformada na Capela de Nossa Senhora de Czeszochowa, em homenagem à padroeira da Polônia. O Bosque também conta com trilha ecológica, ciclovia, palco, loja de artesanato e uma casa de chá, ao estilo polonês.

Bosque do Papa (Polonês)

Localizado no bairro Santa Felicidade, o Memorial Ucrâniano presta homenagem aos imigrantes ucranianos de Curitiba. Inaugurado em 1995, ano em que se comemorou o centenário da chegada desses imigrantes a Curitiba.

O conjunto do Memorial é composto, principalmente por uma réplica da igreja de São Miguel Arcanjo (veja quadro abaixo), uma casa típica, palco ao ar livre e o portal. Todas as construções feitas com madeira encaixada, ao estilo ucraniano.

Festas típicas e apresentações folclóricas acontecem no Sábado de Aleluia (a Benção dos Alimentos). Em agosto, a Festa Nacional da Ucrânia. Em outubro, a Festa da Colheita. Em novembro, a Festa de São Nicolau.

Uma loja de souvenirs está instalada numa casa típica dos imigrantes ucranianos, ao lado da igreja.

Memorial Ucrâniano



Praça do Japão



Numa área bem arborizada de 14 mil m², no bairro de Água Verde, está a Praça do Japão. Uma homenagem à imigração japonesa em Curitiba. Seu projeto foi iniciado em 1958 e a Praça concluída em 1962. Uma reforma, em 1993, incluiu o Portal Japonês e o Memorial da Imigração Japonesa.

A Praça do Japão segue as linhas tradicionais dos jardins japoneses. Possui lago de carpas, 30 cerejeiras enviadas do Japão, cerimônia de chá (às quintas) e museu.



1o Ciclo

DESCOBRINDO A SUA IDENTIDADE !

- Construção da identidade do espaço que ocupamos: homem e a natureza

1a. e 2a. Séries
Natureza e o ser humano

2o Ciclo

AMPLIANDO OS ESPAÇOS DE RELAÇÃO



- Ocupação dos imigrantes, espaço rural e depois o urbano, e a homenagem por meio dos parques e praças étnicas.

3a. e 4a. Séries
Urbano e rural


ESPAÇO







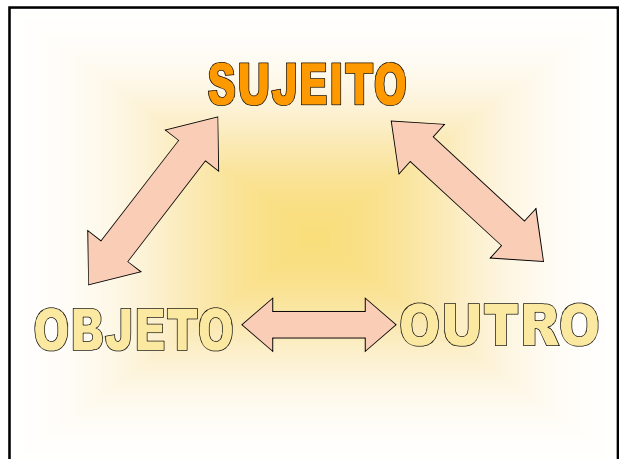
SUJEITO

Creio na verdade fundamental de todas as grandes religiões do mundo. Creio que são todas concedidas por Deus e creio que eram necessárias para os povos a quem essas religiões foram reveladas.

E creio que se pudessemos todos ler as escrituras das diferentes fés, sob o ponto de vista de seus respectivos seguidores, haveríamos de descobrir que, no fundo, foram todas a mesma coisa e sempre úteis umas às outras.

Mahatma Gandhi



Fé indiferenciada

0 aos 2 anos

Neste pré-estágio, as sementes da confiança, coragem, esperança e amor fundem-se de uma forma indiferenciada e contendem com ameaças de abandono sentidas pelo bebê, inconsistências e privações no ambiente da criança. É o fundo de confiança básica e a experiência relacional.



Fé Intuitivo-Projetiva

2 aos 6 anos

É a fase fantasiosa e imitativa na qual a criança pode ser influenciada de modo poderoso e permanente por exemplos, temperamentos, ações e histórias de adultos com as quais ela mantém relacionamentos primários. Os processos imaginativos subjacentes à fantasia não são restringidos nem inibidos pelo pensamento lógico.

INFLUÊNCIA



Fé mítico-litera

7 aos 10 anos

É o estágio no qual a pessoa começa a assumir para si as histórias, crenças e observâncias que simbolizam pertença à sua comunidade. As crenças são apropriadas com uma interpretação literal, assim como as regras e atitudes morais. Os símbolos são entendidos como unidimensionais e literais em seu sentido.

REPRESENTAÇÃO



Fé sintético-convencional

11 aos 28 anos

A experiência de mundo da pessoa amplia além da família. Várias esferas exigem atenção: família, escola ou trabalho, companheiros, sociedade e mídia, e talvez religião. A fé precisa proporcionar uma orientação coerente em meio a essa gama mais complexa e diversificada de envolvimento. Ela precisa sintetizar valores e informações; precisa fornecer uma base para a identidade e a perspectiva da pessoa.

CONVENÇÃO



Fé Individuativo-Reflexiva

30 anos aos ...

Este estágio toma forma no início da fase adulta, porém, que muitos adultos não o controem, pois explicita uma relação profundamente individual e comunitário simultaneamente.

COMPROMISSO



**IDENTIDADE
CULTURA
INTERAÇÃO
PARTICIPAÇÃO**

O ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO